

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 16 Anos (L.S.)

Class.: Terra/Demandação

Data: 20 de janeiro de 1981

Pg.: 59

Índios, soberania e aculturação

Antônio José Feu Rosa

Os veículos de propaganda criaram a imagem de um índio feliz, despreocupado e tranquilo que viveria nas matas da amazônia, e que estaria sendo perturbado pela presença agressiva do branco perigoso e invasor, que ora deseja tomar-lhe as terras, ora pretende "arrancá-lo do "status" natural para lançá-lo na incerteza e agitação das chamadas "civilizações modernas".

Mas, aqueles que conhecem o problema e a realidade do que se passa, compreendem que essas imagens largamente difundidas não são verdadeiras. Primeiramente, pelo simples fato de estarem localizados no interior da selva amazônica há séculos e existem apenas alguns milhares de remanescentes já serve para mostrar o rosário imenso de dificuldades encontradas. Em segundo lugar, há a adversidade das intempéries: um calor impiedoso e permanente, insuportável; clima bravo, com chuvas torrenciais quase que diariamente; animais selvagens; mosquitos perniciosos; endemias fatais. — muitas delas ainda não catalogadas pela medicina; solo, em sua maior parte, impróprio para agricultura. Tudo isso desaba violentamente sobre o homem nu, despreparado e desarmado.

Estivemos percorrendo territórios indígenas, certa ocasião, integrando comissão parlamentar. Constatamos no local o esforço extraordinário que vem sendo desenvolvido pela Funai, órgãos do governo e missionários religiosos para darem comida e roupas a esses nossos semelhantes. E é exatamente por isso que a população indígena tem aumentado sensivelmente nestes últimos decênios. Nas aldeias onde não havia, ou havia pouca assistência o que se notava era a triste miséria e uma promiscuidade horrorosa. Quanto mais longe do apoio governamental e religioso, mais desesperadora era a situação.

O que precisa ser esclarecido é que índios como Juruna, de há muito aculturados e habituados a conviver com os brancos, o que eles reivindicam não é a manutenção do seu "status" natural, com o arco e flecha lutando pela sobrevivência no meio da selva virgem. Absolutamente. Desejam obter terras e fazendas para plantarem, colherem e comerciarem seus produtos como qualquer outro cidadão brasileiro, mantendo uma existência de conforto e segurança. Reclamam territórios na parte mais fértil e rica de Mato Grosso, onde já houve desmatamento e existe uma colonização implantada.

Nada mais justo e correto. O que se precisa caracterizar bem, é que o problema de distribuição de terras não é peculiar aos indígenas. Todos os pensadores, sociólogos e economistas proclamam a importância de uma reforma agrária neste país, onde há inúmeros latifúndios improdutivos e anti-econômicos em contraste com milhões de agricultores sem possibilidades de explorarem a terra e transformarem-se em fonte de riqueza e prosperidade.

A população brasileira ocupa apenas 1/3 do seu imenso território. Temos 2/3 inexplorados. São áreas riquíssimas, abarrotadas de minérios valiosíssimos. Todo mundo sabe que a independência econômica do Brasil só será possível no dia em que conseguirmos explorar essas potencialidades imensas e incalculáveis em benefício de nossa gente e do nosso país. Aí o Brasil se transformará numa potência mundial. Seremos um país desenvolvido. Não precisaremos mais de empréstimos, que obtemos alienando nossa soberania e pagando juros de agiota aos banqueiros internacionais.

Como evidência aí estão as minas de ouro de Serra Pelada e as montanhas maravilhosas — e só recentemente descobertas — de Carajás. E é exatamente para não ocuparmos nosso território e não movimentarmos nossas imensas riquezas naturais que são inventados esses conflitos com as chamadas "nações indígenas", lançando-se ardilosas campanhas de "defesa da ecologia" e da manutenção do índio num suposto "status" natural.

Nessa tormentosa guerra econômica os índios servem apenas de instrumento — porque essas campanhas preservacionistas sempre animam e entusiasma as almas poéticas e apaixonadas. Os que sonham romanticamente com o paraíso que existiria no contacto com a natureza, esquecem-se, no entanto, que qualquer branco que desejar ir viver na selva com os índios, longe do fisco e dos desconfortos da civilização, poderá fazê-lo. Basta botar uma tanga e embrenhar-se no mato. Apenas achamos que o índio, como nosso semelhante, de carne, osso e raciocínio, deveria também merecer essa capacidade de opção: viver lá ou cá. Largá-lo na brutalidade da floresta, ou dar-lhe assistência, mantendo-o como se mantém um animal no jardim zoológico, consideramos crueldade inominável.

Antônio José Miguel Feu Rosa é deputado federal pelo PDS do Espírito Santo